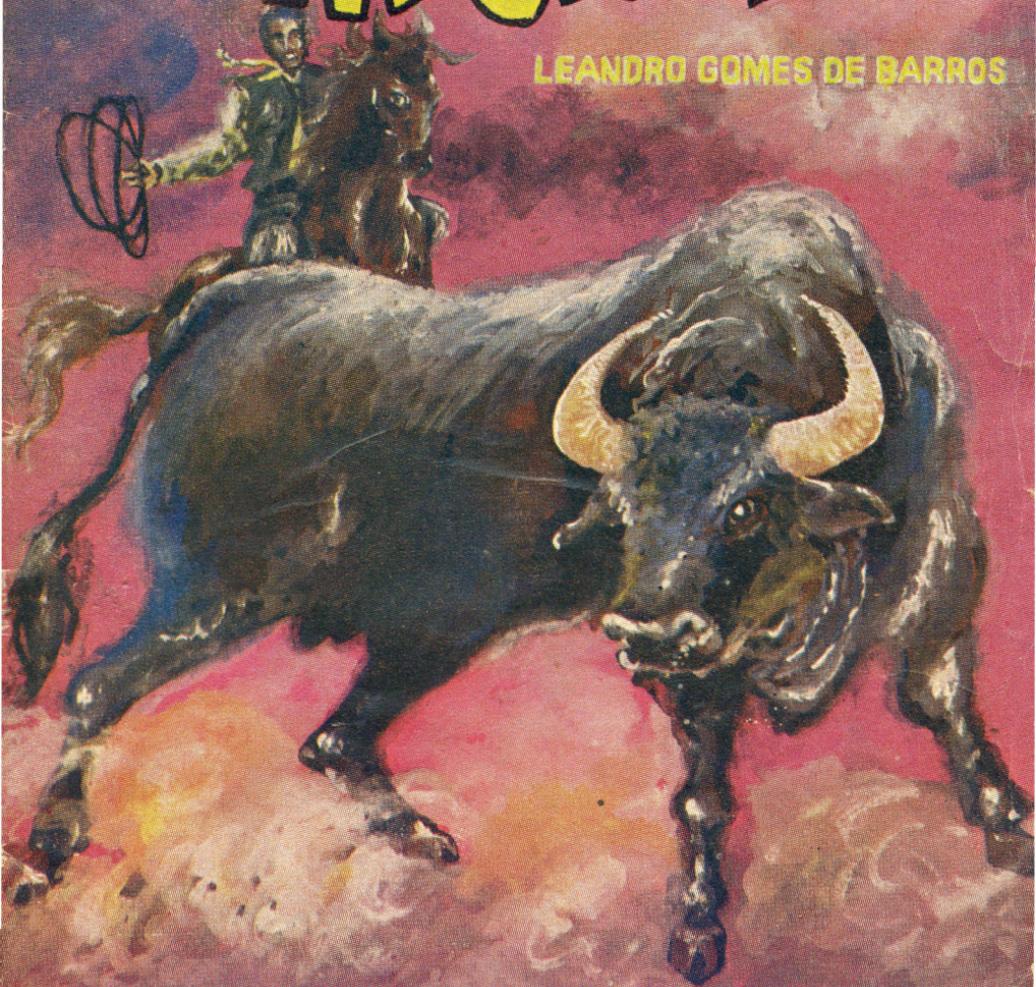


HISTÓRIA DO

Boi Misterioso

LEANDRO GOMES DE BARROS



LEANDRO GOMES DE BARROS



HISTÓRIA DO BOI MISTERIOSO

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional



RUA VISCONDE DE PARNAIBA, 3042/50

FONE: 93-3897 — SAO PAULO-6

Inscrição C. G. C. N.º 60.856.994

HISTÓRIA DO BOI MISTERIOSO



Leitor vou narrar um fato
De um boi da antiguidade
Como não se viu mais outro
Até a atualidade
Aparecendo hoje um dêsses
Será grande novidade.

Duraram vinte e quatro anos
Nunca ninguém o pegou
Vaqueiro que tinha fama
Foi atrás dêle chocou
Cavalo bom e bonito
Foi lá porém estancou.

Diz a história: êle indo
Em desmedida carreira
Acaso enroscava um chifre
Num galho de catingueira
Conforme fôsse a vergôntea
Arrancava-se a touceira.

Êle nunca achou riacho
Que de um pulo não saltasse
E nunca formou carreira
Que com três légua cansasse
Como nunca achou vaqueiro
Que em sua cauda pegasse.

Muitos cavalos de estima
Atrás dêle se acabaram
Vaqueiros que em outros campos
Até medalhas ganharam
Muitos venderam os cavalos
E nunca mais campearam.

É preciso descrever
 Como foi seu nascimento
 Que é para o leitor poder
 Ter melhor conhecimento
 Conto o que contou-me um velho
 Coisa alguma eu acrescento.

Já completaram trinta anos
 Eu estava na flor da idade
 Uma noite conversando
 Com um velho da antiguidade
 Em conversa êle contou-me
 O que viu na mocidade.

Foi em mil e oitocentos
 E vinte e cinco êste caso
 Uma época em que o povo
 Só conhecia o atraso
 Quando a ciência existia
 Porém oculta num vaso.

No sertão de Quixelou
 Na fazenda Santa Rosa
 No ano de vinte e cinco
 Houve uma sêca horrorosa
 Ali havia uma vaca
 Chamada "Misteriosa".

Isso de Misteriosa
 Ficou o povo a chamar
 Porque um vaqueiro disse
 Indo uma noite emboscar
 Uma onça na carniça
 Viu isso que vou narrar.

Era meia-noite em ponto
 O campo estava esquisito
 Havia até diferença
 Nos astros do infinito
 Nem do nambu nessa hora
 Se ouvia o saudoso apito.

Dizia o vaqueiro: eu estava
 Em cima dum arvoredor
 Quando chegou esta vaca
 Que me causou até mêdo
 Depois chegaram dois vultos
 E ali houve um segrêdo.

O vaqueiro viu que os vultos
 Foram de duas mulheres
 Uma delas disse à vaca
 Parte por onde quiseres
 Eu protegerei a ti
 E aos filhos que tiveres.

Ali o vaqueiro viu
Um touro prêto chegar
Então disseram os vultos
São horas de regressar
Disse o touro montem em mim
Que o galo já vai cantar.

Aí clareou a noite
O vaqueiro pôde ver
Eram duas moças lindas
Que mais não podia haver
O touro era de uma espécie
Que êle não soube dizer.

Êle então ouviu montar
Viu quando o touro saiu
A vaca se ajoelhou
E atrás dêle seguiu
Depois veio a onça e êle
Atirou-lhe ela caiu.

Por isso teve essa vaca
Daí em diante êsse nome
Uns chamavam-na feiticeira
Outro a vaca lobisomem
Diziam que ela era a alma
De um boi que morreu à fome.

O coronel Sezinando
Fazendeiro dono dela
Se informando da história
Não quis que pegassem ela
Disse que o morador dêle
Não tirasse leite nela.

No ano de vinte e quatro
Pouca chuva apareceu
Em todo sertão do Norte
A lavoura se perdeu
Até o próprio capim,
Faltou chuva não cresceu.

Então entrou vinte e cinco
O mesmo verão trincado
Morreu muita gente à fome
Quase não escapa o gado
Escapou alguma rês
Lá num ou noutro cercado.

A vaca misteriosa
Não houve mais quem a visse
O dono não importava
Que ela também sumisse
Podia até pegar fogo,
Que na fumaça subisse.

A vinte e quatro de agosto
 Data esta reciosa
 Que é quando o diabo pode
 Soltar-se e dar uma prosa
 Pois foi nesse dia o parto,
 Da vaca misteriosa.

Dela nasceu um bezerro
 Um pouco grande e nutrido
 Prêto da côr de carvão
 O pêlo muito luzido
 Representando já ter,
 Um mês ou dois de nascido.

Um vaqueiro da fazenda
 Assistiu êle nascer
 Foi a noite a casa grande
 Ao coronel lhe dizer
 O coronel disse então:
 — Se nasceu deixe crescer.

Em março de vinte e seis
 Estava o inverno pegado
 O coronel Sezinando
 Mandou juntar todo gado
 Que êle queria saber,
 Que reses tinham escapado.

Então o misterioso
 Pôde vir no meio do gado
 Trazia o dito bezerro
 Grande e muito bem criado
 O que era de vaqueiro
 Vinha tudo admirado.

Um índio velho vaqueiro,
 Da fazenda do Destêrro,
 Disse ao coronel me falte
 A terra no meu entêrro
 Quando aquela vaca velha
 For mãe daquele bezerro.

Ali mesmo o coronel
 Tomando nota do gado
 Tirou as vacas paridas
 Das que tinham escapado
 Soltou a misteriosa
 Devido ficar cismado.

Com um ano e meio êle tinha
 Mais de seis palmos de altura
 Uns chifres grandes e finos
 Com um palmo de grossura
 O casco dêle fazia,
 Barroca na terra dura.

Sumiu-se o dito bezerro
E a vaca misteriosa,
Depois de cinco ou seis anos
Na fazenda venturosa
Viram-no com a marca,
Da fazenda Santa Rosa.

O vaqueiro conheceu
O boi ser do seu patrão,
Viu que havia de pegá-lo
Por ser sua obrigação
E juntou ambas as rédeas
Esporou o alazão.

Partiu em cima do boi
Andou perto de pegá-lo
Com dezoito ou vinte passos
Talvez pudesse alcançá-lo
Era sem limite o gôsto
Que tinha de derrubá-lo.

Mas o boi se fêz no casco
E no campo se estendeu,
Gritou-lhe o vaqueiro boi
Tu não sabes quem sou eu!
O boi que boto o cavalo,
É carne que apodreceu.

Com menos de meia légua
Estava o vaqueiro perdido,
Não soube em que instante
O tal boi tinha-se ido
Estava o cavalo suado,
E já muito esbaforido.

Voltou então o vaqueiro
Sem saber o que fizesse,
Pensando ao chegar em casa
Então que história dissesse
Se pegando com os santos:
Que o coronel não soubesse.

Contou então o vaqueiro
O que se tinha passado
Dizendo que aquêlê boi
Só sendo bicho encantado
Se havia mandinga em boi
Aquêlê era batizado.

No outro dia seguiram
Seis vaqueiros destemidos
Em seis cavalos soberbos
Dos melhores conhecidos
Pois só de cinco fazendas
Puderam ser escolhidos.

Foi Norberto da Palmeira
 Ismael do Riachão,
 Calixto do Pé da Serra,
 Félix da Demarcação,
 Benvenuto do Destêro,
 Zé Prêto do Boqueirão.

Tinha já ido dizer
 Na fazenda Santa Rosa,
 Que o vaqueiro Apolinário
 Da fazenda Venturosa
 Tinha encontrado com o boi
 Da vaca misteriosa.

O coronel duvidou
 Quando contaram-lhe o fato,
 Disse a pessoa, os vaqueiros
 Já seguiram para o mato,
 O coronel foi atrás,
 Saber se aquilo era exato.

Disse então Apolinário
 Que andava campeando
 Viu um boi prêto bem grande
 E dêle se aproximando
 Viu no lado esquerdo o ferro
 Do coronel Sezinando.

Pois bem, disse o coronel
 Esse garrote encantado
 Quando desapareceu
 Inda não estava ferrado
 Foi-se orelhudo de tudo,
 Nem sequer estava assinado.

Pois tem na orelha esquerda
 Três mesas e um canzil,
 Tem na orelha direita
 Brinco lascado e funil
 O ferro de Santa Rosa,
 Está nêle a marca buril.

Foram onde Apolinário
 À tarde o tinha encontrado
 Pouco adiante estava êle
 Numa malhada deitado
 Levantou-se lentamente,
 Como quem estava enfadado.

Ai tratou de partir
 Em desmedida carreira
 O coronel Sezinando
 Disse ao vaqueiro Moreira
 Aquêle não há quem pegue;
 Voltemos pois é asneira.

Disse o vaqueiro Norberto
Eu posso não o pegar
Porém só me desengano
Quando o cavalo cansar
Nunca vi boi na igreja,
Para padre o batizar.

Norberto tinha um cavalo
Chamado "Rosa do Campo"
Calixto do Pé da Serra,
Um chamado "Pirilampo"
O de Apolinário "Nisce"
Era de raça de pampo.

O do vaqueiro Israel
Chamava-se "Perciano"
O do índio Benvenuto
Chamava-se "Soberano"
Félix tinha um poldro prêto
Chamado "Riso do Ano".

O do vaqueiro Zé Prêto
Tinha o nome de Calixto,
Dentre todos os cavalos
Aquêle era o mais bonito
Era filho de um cavalo
Que trouxeram do Egito.

Era meio dia em ponto
Quando formaram carreira
O boi fazia na frente
Uma nuvem de poeira
Nos riachos êle pulava
De uma a outra barreira.

Zé Prêto do Boqueirão
Foi quem mais se aproximou
Quase pega-lhe a cauda
Porém não o derrubou
Ficou tão contrariado
Que depois disso chorou.

Dizia que nunca viu
Em boi tanta ligeireza
Como no cavalo dêle
Nunca viu tanta destreza
E disse que um boi daquele
Para um sertão é grandeza.

Perguntou o coronel
O boi será encantado?
Não senhor disse Zé Prêto
Isso de encanto é ditado
É boi como outro qualquer
Só tem que foi bem criado.

Eram seis horas da tarde
 Já estava tudo suado
 Não havia um dos cavalos
 Que não estivesse ensopado
 Porque mais de cinco léguas
 De um fôlego tinha tirado.

O coronel Sezinando

Disse vamos descansar

Vaqueiro de agora em diante

Tem muito em que se ocupar

Eu só descanso a meu gôsto

Quando êsse boi se pegar.

Disse o Índio Benvenuto

Coronel se desengane

Êsse boi não é pegado

Nem que o diabo se dane

Cavalo não chega a êle

Inda que por mais se engane.

Tenho sessenta e dois anos

Em cálculo não tenho um êrro

E disse que me faltasse

O chão para o meu entêrro

Quando aquela vaca fôsse,

A mãe daquele bezerro.

Disse o coronel você

É um caboclo cismado

Não deixa de acreditar

Nisso de boi batizado

E mesmo aquêle não é,

O tal bezerro encantado.

Não é? Ora não é!

Veremos se êle é ou não

Vossa senhoria ajunte

Os vaqueiros do sertão

Do Rio da Prata ao Pará

E depois me diga então.

Disse o coronel caboclo

Zé Prêto não pegou êle?

Ora pegou coronel

Mas não sabe quem é êle

Dou a vida se houver um

Que traga um cabelo dêle.

Eu digo com consciência

Senhor coronel Sezinando

O boi é misterioso,

Para que estar lhe enganando

O boi é filho de um gênio

Uma fada o está criando.

A mãe d'água do Egito
 Foi quem deu-lhe de mamar
 A fada de Borborema
 Tomou-o para criar
 Na Serra do Araripe
 Foi êle se batizar.

O coronel Sezinando
 Dizia eu não acredito
 Na fada de Borborema
 E na mãe d'água do Egito
 Gênio e fada para mim
 É um dito esquisito.

Quarenta e cinco vaqueiros
 Saíram para pegá-lo,
 Dizia o índio só hoje
 Êles podiam encontrá-lo
 No dia de sexta-feira
 Duvido de quem achá-lo.

E de fato nesse dia
 Nem o rastro dêle viram
 Voltaram para a fazenda
 No outro dia partiram
 Às nove horas do dia
 No rastro dêle seguiram.

Na garganta de uma serra
 Acharam êle deitado
 Na sombra de uma aroeira
 Estava ali descuidado
 Pulou instantâneamente
 Na rapidez de um veado.

O boi entrou na caatinga
 Que não procurava jeito
 Mororó jurema branca
 Êle levava de oito
 Rolava pedra nos cascos
 Levava angico no peito.

Disse Fernandes de Lima
 Um dos vaqueiros paulistas
 De todos êsses cavalos
 Não há mais um que resista
 Dormimos aqui convém
 Ninguém perdê-lo de vista.

Dormiram todos ali
 Naquele tempo tão vasto
 Pearam a cavalgada
 Deixaram ganhar ao pasto
 Às seis horas da manhã
 Seguiram logo no rastro.

O cavalo soberano
Ao ver o rastro do boi
Gemeu pulou para trás
E o índio gritou oi!
Deixou os outros vaqueiros
Correu para trás se foi.

Disse o índio Benvenuto
Eu não posso campear
O cavalo está doente
É preciso descansar
Faz muitos dias que corre
E eu preciso voltar.

Então disse o coronel:
— Existe aqui um mistério
Antes de haver êste boi
Você não era tão sério?
Você faz do boi uma alma
E do campo um cemitério.

Benvenuto respondeu
Haja o que houver vou embora
Querendo me dispensar
Pode me dizer agora
Vá quem quiser eu não vou
Não posso mais ter demora.

Andaram duzentos metros
Logo adiante foram vendo
Um vaqueiro disse olhe
O boi ali se lambendo
Também não houve um vaqueiro
Que não partisse correndo.

O campo tinha uma régua
Sem ter nêle um pé de mato
O boi corria tanto
Que só veado ou um gato
Então fazia uma sombra
Pouco maior que a de rato.

Disse o Lopes do Exú
Juro a fé de cavalheiro
Não sairei mais de casa
Chamado por fazendeiro
Vendo o cavalo e a sela
E deixo de ser vaqueiro.

Às cinco horas da tarde
Pretenderam regressar
Então os cavalos todos
Não podiam mais andar
Os vaqueiros não podiam
Tanta fome suportar.

Voltaram para a fazenda
E tornaram a contratar
A 21 de novembro:
Cada um ali chegar
O coronel Sezinando
Mandaria avisá-los.

O coronel Sezinando
Homem muito caprichoso
Tirou três contos de réis
Disse: — É para o venturoso
Que venha a esta fazenda
E pegue o Boi Misterioso.

A vinte e um de novembro
Venceu-se o trato afinal
A fazenda Santa Rosa
Estava como um arraial
Ou uma povoação
Numa noite de Natal.

Já um criado chamava
O povo para o almôço
Quando viram ao longe um vulto
Divulgaram ser um moço
Então vinha num cavalo
Que parecia um colosso.

Era um cavalo caxito
Tinha uma estrêla na testa
Vaquejada que êle ia
Ali tornava-se em festa
Ganhou numa apartação
Nome de “Rei da Floresta”.

Chegou então o vaqueiro
Saudou a todos ali
Perguntou qual dos senhores
É o coronel aqui
Apontaram ao coronel
Disseram: — É êsse aí.

O coronel perguntou-lhe:
— De que parte és cavaleiro,
Eu sou de Minas Gerais
Disse o rapaz sou vaqueiro
Vim porque soube que aqui
Existe um boi mandingueiro.

Disse o coronel: — Existe
Êsse boi misterioso
Tem-se corrido atrás dêle
Êle sai vitorioso
Já tem saído daqui
Vaqueiros até desgostosos.

Queria ver esse boi
 Disse sorrindo o vaqueiro
 Tenho vinte e quatro anos
 Nunca vi boi feiticeiro
 Disse o coronel pegando-o
 Ganha avultado dinheiro.

Quem pegá-lo em pleno campo

Disse aí o coronel

Ganhará pago por mim

Um relógio e um anel

Tem mais três contos de réis

Em ouro, prata ou papel.

Salvo se alguém o pegar
 Quando êle estiver doente
 Ou lhe atirando de longe
 Isso é coisa indiferente
 Há de pegar pelo pé
 Êle bom perfeitamente.

Disse o moço não aceito

Objetos nem dinheiro

Eu só desejo ganhar

A vitória de um vaqueiro

Êsse seu menor criado

É filho de um fazendeiro.

Descansaram o dia de sábado
 Domingo, segunda e terça
 Disse o coronel: — À tarde
 Quem fôr vaqueiro apareça
 Sairemos quarta-feira
 Antes que o dia amanheça.

Na quarta-feira seguiu

Como tinha contratado

O povo que o coronel

A tarde tinha avisado

Eram dez horas do dia

Inda acharam o boi deitado

Disse o vaqueiro de Minas
 Perdi de tudo a viagem
 Eu pegando um boi daquele
 Não conto por pabulagem
 Para o cavalo que venho
 Inda dez não é vantagem.

Pensei que fôsse maior

Segundo o que ouvi falar

Parece até um garrote

Que criou-se sem mamar

Um bicho manso daquele

Faz pena até derrubar.

Porém o cavalo aí
Viu o boi se levantar
Estremeceu e bufou
Afastou e quis se acuar
Que deu lugar ao vaqueiro
Daquilo desconfiar.

Aí chegou-lhe as esporas
E o cavalo partiu
Em menos de dois minutos
O boi também se sumiu
Deu uns três ou quatro pulos
Ali ninguém mais o viu.

O boi entrou na caatinga
E o vaqueiro também
Por dentro do cipoal
Que não passava ninguém
Tanto que o coronel disse
Ali não escapa ninguém.

Eram seis horas da tarde
Estava o grupo reunido
Sem saberem do vaqueiro
Que atrás do boi tinha ido
Via-se a batida apenas
Por onde tinha seguido.

Um dizia êle morreu
Outro que tinha caído
Outro dizia o vaqueiro
Arrisca-se ter fugido
Não pôde pegar o boi
Voltou de lá escondido.

Acenderam o facho e foram
Por onde tinham entrado
Acharam sempreroteiro
Por onde tinham passado
O coronel Sezinando
Já ia desenganado.

Passava da meia-noite
Gritaram êle respondeu
O coronel acalmou-se
E disse êle não morreu
Porém o grito era longe
Que quase não se entendeu.

Três horas da madrugada
Foi que puderam o achar
Mas o cavalo caído
Sem poder se levantar
E êle contrariado
Sem poder quase falar.

O coronel perguntou-lhe
 O que tinha sucedido
 Respondeu que tal desgraça
 Nunca tinha acontecido
 Dizendo antes caísse
 E da queda ter morrido.

O cavalo em que eu vim
 Ninguém nunca viu cansado
 Correu um dia seis léguas
 Inda não chegou suado
 E da carreira de hoje
 Ficou inutilizado.

Não volto a Minas Gerais
 Porque chego com vergonha
 Os vaqueiros lá esperam
 Uma notícia risonha
 Eu chegando lá com essa
 Dão-me uma vaia medonha.

Menos de cinqüenta passos
 Inda me aproximei dêle,
 Inda estirei a mão
 Mas não pude tocar nêlo
 Apenas posso dizer
 Não sei que boi é aquêlo.

Nunca vi bicho correr
 Com tanta velocidade
 Só lampejo de relâmpago
 Em noite de tempestade
 Nem peixe n'água se move
 Com tanta facilidade.

Ele é um boi muito grande
 Tem o corpo demasiado
 Não sei como corre tanto
 Dentro de um mato fechado
 Por isso é que muitos pensam
 Que seja um boi encantado.

O coronel disse aí
 Acho bom tudo voltar
 Disse o vaqueiro de Minas
 Não precisa descansar
 Vejam se dão-me um cavalo
 Que vou me desenganar.

O coronel Sezinando
 Chamou Mamede Veloso
 Lhe disse Mamede vá
 A Fazenda do Mimoso
 Diga ao vaqueiro que mande
 O cavalo "Perigoso".

Diga que mate uma vaca
Leve queijo e rapadura
E vá esperar por nós
Na Fazenda da Bravura
Diga que somos sessenta
Leve jantar com fartura.

O vaqueiro cumpriu tudo
Que seu amo lhe ordenou,
Deu o cavalo a Mamede
Puxou a vaca e matou
Às onze horas do dia
Então Mamede chegou.

Trouxe o cavalo cardão
Com a espécie de rudado
Disse o vaqueiro de Minas
Oh! Bicho de meu agrado
Lhe disseram o nome dela,
Foi muito bem empregado.

O vaqueiro levantou-se
Com o guarda peito no ombro
Se aproximou do cavalo
Passou-lhe a mão pelo lombo
O cavalo deu um sôpro,
Que quase causa-lhe assombro.

Então o vaqueiro disse
Eu vou experimentar,
Se o cavalo Perigoso
Presta para campear
Disse então o coronel
Cuidado quando montar.

Veja que êle já matou
Com queda quatro vaqueiros
Os que causaram mais pena
Foram dois piauizeiros
Então respondeu o Sérgio
Não eram bons cavalheiros.

Quando o vaqueiro montou
O cavalo se encolheu
Chegou-lhe ainda as esporas
O sangue logo desceu
Quase três metros de altura
Êle da terra se ergueu.

Mas o cavaleiro era destro
Ali não desaprumou
Chegou-lhe ainda as esporas
Êle de nôvo pulou
Êsse pulo foi tão grande
Que tudo se admirou.

Fêz uma curva no salto
 Tirou pelos quarto a sela,
 O vaqueiro era um herói
 Saltou apumado nela
 Dizendo hoje achei um testo
 Que deu na minha panela.

saltou mas não afrouxando
Ambas as rédias do cavalo
Sabia que se soltasse
Ninguém podia pegá-lo
Dizendo o cavalo serve
Vou logo experimentá-lo.

Selou de nôvo o cavalo
 E tornou a se montar
 Tanto que o coronel disse
 Êste sabe cavalgar
 O cavalo conheceu
 Ali não quis mais saltar.

Passava do meio-dia
Quando os vaqueiros saíram
Acharam o rastro do boi
Todos sessenta seguiram
Adiante encontraram êle,
No limpo que todos viram.

Sérgio o vaqueiro de Minas
 Foi o primeiro que viu
 Perguntou será aquêlê
 Que lá do mato saiu?
 Todos disseram é aquêlê
 Aí o Sérgio partiu.

Deu de espora no "Perigoso"
E nada mais quis dizer
O boi olhou para o povo
Também tratou de correr
O mato abriu e fechou
Ninguém mais o pôde ver.

Então quando o boi correu
 Procurou logo a montanha
 Todos disseram: hoje o boi
 Talvez não conte façanha
 O cavalo perigoso
 Agora fica sem manha.

Com meia légua se ouvia
Galho de pau estalar,
Atropelada do boi
Pedra de monte a rolar
Se ouvia perfeitamente
O Perigoso bufar.

Entraram os vaqueiros e o boi
 Nô mato mais esquisito
 De quando em vez o vaqueiro
 Por sinal soltava um grito
 Tanto que o coronel disse
 Já vi campear bonito.

O boi subiu a montanha
 Sem escolher por onde ia,
 E o vaqueiro já perto
 De vista não o perdia
 O cavalo "perigoso",
 Com mais desejo corria.

Descambaram a serra verde
 O boi entrou num baixio
 Depois subiu a campina
 Entrou na ilha dum rio
 Em lugar que outro vaqueiro
 Em olhar sentia frio.

Porém o vaqueiro disse
 Aonde entrares eu entro,
 Se tu entrares no mar
 Viro-me em peixe vou dentro
 Alguém que fôr procurar-me
 Acha-me morto no centro.

O boi com facilidade
 O trancadilho rompeu
 Quase no centro do vão
 O vaqueiro conheceu
 O cavalo Perigoso,
 Da carreira adoeceu.

Diabo! Disse o vaqueiro
 Está doente o Perigoso,
 Ah! Boi do diabo enfim
 Te chamas Misterioso
 Eu puxei a meu avô,
 Que morreu por ser teimoso.

Voltou para o campo limpo
 O cavalo tão suado
 Com um talho no pescoço
 Um casco quase furado
 De forma que o vaqueiro
 Não pôde voltar montado.

As oito horas da noite
 Vieram os outros chegar
 A estrada que o boi fez
 Deu para tudo passar
 Cinquenta e nove cavalos,
 Sem nem um se embaraçar.

Colega cadê o boi?
 Perguntou o Sezinando
 O Sérgio se levantou
 E respondeu espumando
 Coronel eu já pensei
 Que só me suicidando.

— Suicidar-se por quê?

O Sérgio então respondeu:

— O coronel não está vendo

O que já me sucedeu?

Matei meu cavalo aqui

Inutilizei o seu.

Disse o coronel faz pena
 Perigoso se acabar
 Porém é nosso paguei-o
 Ninguém mais vem o cobrar
 E dou vinte pelo o seu
 Se dois ou três não pagar.

Eram sessenta cavalos

Uns de diversos sertões

E todos êsses não iam

A tôdas apartações

Em vaquejadas garbosas

Mostraram lindas ações.

Havia um cavalo russo
 Chamado Paraibano
 Carioca, Rio-grandense
 Paturi e Pernambucano
 Paulista e Vitoriense
 Flor do Prado e Sergipano.

Pombo Rocho e Papagaio,

Flor do Campo, Catingueiro,

Socó Boi, Canário Verde,

Patola e Piauízeiro,

Águia Branca e Bem-te-vi,

Flecha Peixe e Campineiro.

E os outros que aqui não posso
 Seus nomes mencionar
 Era também impossível
 Quem me contou se lembrar
 É melhor negar o nome
 Do que depois enganar.

Não tinha um dêsses todos

Que não fôsse conhecido

Em diversas vaquejadas

Não já tivesse corrido

Até seus donos já tinham

Medalhas adquerido.

Voltaram para a Bravura
Onde a gente era esperada
Ainda estavam esperando
O povo da vaquejada
Mas não houve um dos vaqueiros
Que se servisse de nada.

Assim que deu meia-noite
Foram para Santa Rosa
A mulher do coronel
Os esperava ansiosa
Sabia que a vaquejada
Era muito perigosa.

Quando foi no outro dia
Depois de terem almoçado
Disse o Sérgio: — Coronel
Eu estou causando cuidado
Me arrume qualquer cavalo
Ou vendido ou emprestado.

O coronel mandou ver
Um cavalo e lhe ofereceu
Foi ver um conto de réis
Em ouro e em prata lhe deu
Êle pedindo licença
Não quis e lhe agradeceu.

Eu vim atrás dêsse boi
Não devido ao dinheiro
Eu vim porque tenho gôsto
Nessa vida de vaqueiro
Se eu não morrer ainda mostro
Quanto vale um cavalheiro.

O coronel disse a êle
Eu fico penalizado
Não digo que se demore
Porque seu pai tem cuidado
Veja se volta em janeiro
Que me acho preparado.

Então o Sérgio saiu
Não pode se demorar
O coronel Sezinando
Não deixa de pensar
Porque forma aquêle boi
Ninguém podia pegar.

Chamou o escravo e lhe disse
Monte num cavalo e vá
À Fazenda do Destêrro
Diga ao vaqueiro de lá
Que eu mando dizer a êle
Que sem falta venha cá.

O escravo cumpriu todo
 O dever de portador
 Achou a casa fechada
 Perguntou a um morador
 Se sabia do vaqueiro
 Esse disse: — Não senhor.

Então o morador disse:

Na noite de sexta-feira
 O índio foi ao curral
 Deixou aberta a porteira
 Saiu montado a cavalo
 E levou a companheira.

Voltou o escravo e disse
 Tudo que tinha sabido
 Que na sexta-feira à noite
 O índio tinha saído
 E carregou a mulher
 Como quem sai escondido.

Inda vá mais essa agora!

O coronel exclamou

Aquêlê bruto saiu

E não me comunicou

Que diabo teve êle

Que até o gado soltou?

No outro dia foi lá
 Achou a casa fechada
 Então a porta da frente
 Tinha ficado cerrada
 Até a mala de roupa
 Inda estava destrancada.

O fazendeiro com isso

Ficou muito constrangido

Pensava logo em crime

Que pudesse ter havido

O indivíduo não tinha causa

Porque saísse escondido.

Então mandou gente atrás
 Pelo mundo a procurar
 Não achou uma pessoa
 Que dissesse eu vi passar
 Em todo sertão que havia
 Êle mandou indicar.

Então o povo dizia

Que o índio era feiticeiro

E uma fada pediu-lhe

Que não fôsse mais vaqueiro

A fada transformou êle

Em um veado galheiro.

Os faladores diziam
 Que êle foi assassinado
 E talvez o coronel
 Tivesse mesmo mandado
 Matar êle e a mulher
 Para ficar com o gado.

Outros diziam ao contrário
 Até juravam que não
 Os dois cavalos do índio
 Aonde botaram então
 Mesmo assim o coronel
 Não fazia aquela ação.

Bem encostadinho ao índio
 Uma velha fiandeira
 Morava numa casinha
 E fiava a noite inteira
 Disse que quase se assombra
 Ali numa sexta-feira.

Disse: à meia-noite em ponto
 Eu inda estava fiando
 Em casa de Benvenuto
 Eu ouvia gente falando
 Espiei por um buraco
 Vi chegar um boi urrando.

A velha disse Deus mande
 A cascavel me morder
 Se de lá de minha casa
 Não ouvi o boi dizer
 Boa-noite Benvenuto
 Eu só venho aqui te ver.

O boi disse outras palavras
 Que eu de lá não pude ouvir
 O caboclo e a mulher
 Disso ficaram a sorrir
 O boi, o índio e a mulher
 Todos eu vi sair.

Ai fui guardar o fuso
 E a cesta de algodão
 Credo em cruz! dizia eu
 Aquilo é arte do cão
 São coisas do fim do mundo
 Bem diz Frei Sebastião.

O coronel a princípio
 Inda não acreditou
 Porém depois refletia
 Uma ação que o índio obrou
 Quando rastejava o boi
 O índio não foi, voltou.

Então dêsse dia em diante
 Ali ninguém mais o viu
 Não houve mais quem soubesse
 Aonde êle se sumiu
 Foi igualmente a fumaça
 Que pelo ares subiu.

Como o indio e a mulher
 Tudo desapareceu
 Tanto que diziam muito
 Que o diabo os escondeu
 Durante dezesseis anos
 Novas dêle ninguém deu.

Sérgio o vaqueiro de Minas
 Todos os meses escrevia,
 Perguntando ao coronel
 Se o boi ainda existia
 Dizendo quando quiser,
 Escreva marcando o dia.

Fazia dezesseis anos
 Que o boi estava sumido
 Até por muitas pessoas
 Êle já estava esquecido
 Quasé todos já pensavam,
 Que êle tivesse morrido.

O coronel Sezinando
 Tinha como devoção
 Festejar todos os anos
 A imagem de São João
 Todo ano era de festa,
 Não havia exceção.

Uma noite de São João
 Na fazenda Santa Rosa;
 Só a noite de Natal
 Estaria tão venturosa
 Porque em todo sertão,
 Aquela era a mais garbosa.

Três classes ali dançavam
 Em redobrada alegria,
 No salão da casa grande
 Os lordes de freguesia:
 Em latadas de capim
 A classe pobre que havia.

O leitor deve saber
 Do estilo do sertão,
 O que não fizer fogueira
 Nas noites de São João
 Fica odiado do povo
 Tem fama de mau cristão.

O coronel Sezinando
Derrubou uma aroeira
E vinte e oito pessoas
Carregou essa madeira
Para o pátio da fazenda
E fizeram uma fogueira.

Estava a noite vinte e três

Do mês do Santo Batista

Como outra no sertão

Nunca tinha sido vista

Só faltava a música,

Discurso e fogo-de-vista.

Estava o povo todo ali

Uns dançando e outros bebendo

Um prazer demasiado

Em tudo estava se vendo

Mais de cinqüenta pessoas

Assando milho e comendo.

Meia-noite mais ou menos

Pôde o povo calcular

O galo pai do terreiro

Estava perto de cantar

Quando viram um touro prêto

No pátio se apresentar.

Meteu os cascos na terra

Cubriu-se tudo com poeira

Soltou um urro tão grande

Que ouviu-se em tôda ribeira

Deixou em cima da casa

Tôda a brasa da fogueira.

Dos cachorros da fazenda

Nem um sequer acudiu

O gado urrava de medo

Parte do povo fugiu

O coronel Sezinando

Foi o único que saiu.

Ainda viu o vulto dêle

Que pelo pátio ia andando

Chamou os cachorros todos

Êsses fugiram uivando

O povo todo em silêncio

Já muitos se retirando.

Então acabou-se a festa

O povo se debandou

Os moradores de perto

Lá um ou outro ficou

Aquêle clarão garboso,

Em escuro se tornou.

No outro dia às dez horas
 O coronel Sezinando
 Estava com sua mulher
 No alpendre conversando
 Quando o Índio Benvenuto
 Chegou e foi se apeando.

O coronel exclamou:
 Índio velho desgraçado
 Você saiu escondido,
 Me dando tanto cuidado
 Por sua causa até hoje
 Eu vivo contrariado.

Então perguntou o índio
 Pegaram o misterioso?
 Que atrás até morreu
 O cavalo Perigoso?
 Respondeu o coronel;
 Sumiu-se aquêle tihoso.

Então disse o coronel
 Você hoje há de dizer
 Aquêle boi o que é
 Que só você pode saber,
 Se fizer êste favor,
 Tenho que agradecer.

De nada sei, coronel,
 O índio-lhe respondeu...
 Sabe, disse o coronel,
 E contou o que se deu;
 Disse; quando o boi sumiu-se
 Você desapareceu.

— Eu andava viajando!
 Disse o Índio Benvenuto;
 Respondeu-lhe o coronel:
 Mas você é muito bruto...
 Que motivo foi que houve
 Que você saiu oculto?

No motivo há um segredo
 Que não posso revelar...
 É o Boi Misterioso
 Voltou ao mesmo lugar
 Anda aí públicamente
 Quem quiser pode o pegar.

Eu atrás dêle não vou
 Não trago ninguém em engano
 Pois não quero desgostar
 Meu cavalo Soberano;
 Por eu ir lá uma vez
 Tive castigo de um ano.

Zé Prêto do Boqueirão
Naquela hora chegou...
Perguntou ao coronel
O que foi o que se passou?
Respondeu o coronel:
Foi o cão que se soltou.

Disse Zé Prêto: — Eu também
Venho aqui bem receioso,
O coronel me conhece
Vê que não sou mentiroso,
Lada agora quando vinha
Vi o Boi Misterioso.

Na Malhada do Balão
Passei, vi êle deitado,
Foi o boi que veio aqui
Eu fiquei desconfiado
Porque vi um chifre dêle
E parece estar queimado.

Sérgio, o vaqueiro de Minas,
Nesse momento chegou...

Disse: — Senhor coronel
Às suas ordens eu estou
Pois recebi o recado
Que o coronel me mandou.

Disse o Sérgio: — Eu recebi
Do coronel um recado
Que no dia vinte e sete
Estava o povo contratado
Pois o Boi Misterioso
Tinha já sido encontrado.

Então disse o coronel
Que o recado não mandou
Ali contou a miúdo
A cena que se passou
E disse: — Zé Prêto agora
Me disse que encontrou.

Nisso chegou um vaqueiro,
Um caboclo curiboca,
O nariz grosso e roliço
Da forma de uma tabóca,
Em cada lado do rosto
Tinha uma grande pipóca.

Bom dia, sr. coronel!
Disse o tal recém-chegado...
Tenha o mesmo o cavalheiro,
Respondeu desconfiado,
Dizendo, dentro de si:
— De onde é êste danado?

O coronel perguntou-lhe
 De que parte é cavalheiro?
 — Do sertão de Mato Grosso,
 Respondeu o tal vaqueiro...
 — A que negócio é que vem?
 Perguntou-lhe o fazendeiro.

Venho à vossa senhoria
 A mandado do patrão
 Ver um Boi Misterioso
 Que existe neste sertão,
 O coronel quer que pegue
 Me dê autorização.

Meu patrão é bom vaqueiro,
 Disse-lhe o desconhecido,
 Soube que desta fazenda
 Um boi tinha se sumido
 Mandou-me ver se êsse boi
 Já havia aparecido.

E se o coronel quisesse
 Que eu fôsse ao campo pegá-lo
 Eu garanto ao coronel
 Vendo-o, hei-de derrubá-lo,
 O patrão por segurança
 Mandou-me neste cavalo.

Êste cavalo não sai
 Daqui desmoralizado,
 Neste só monta o patrão
 Ou eu quando sou mandado;
 É um poldro, está mudando
 Porém é condecorado.

O cavalo era mais prêto
 Do que uma noite escura,
 Até os outros cavalos
 Temiam aquela figura,
 O corpo muito franzino
 Com oito palmos de altura.

Tinha os olhos côr-de-brasa
 Os cascos como formão
 Marcados com sete rodas
 Da junta do pé a mão
 E tinha do lado esquerdo,
 Sete sinais de salomão.

Pois bem disse o coronel
 Amanhã temos de ir,
 Mando avisar os vaqueiros
 Creio que tudo há de vir
 Às seis horas da manhã
 Nós havemos de seguir.

Cinquenta e nove vaqueiros
Às oito horas chegaram
Todos tiraram as selas
E seus cavalos pearam
Cearam armaram as redes
No alpendre se deitaram.

Mas o caboclo não quis
Pear o cavalo dêle,
Não quis cear e passou
A noite encostado a êle
Dizendo que não o peava
Não confiava-se nêle.

De manhã todos seguiram
O caboclo foi na frente
O coronel notou logo
Nele um tipo diferente
E disse se houver diabo,
É aquêle certamente.

Foram aonde Zé Prêto
Na véspera tinha deixado,
Naquele mesmo lugar
Inda estava êle deitado
Levantou-se espreguiçando,
E não ficou assustado.

Depois de se levantar
Cavou o chão e urrou,
O urro foi esquisito
Que tudo ali se assustou
O cavalo do caboclo,
Cheirou o chão e rinchou.

Tratou o boi de correr
E subiu logo o oiteiro,
Por lugar que era impossível
Subir nele um cavaleiro
De cinquenta e nove homens
Só foi lá o tal vaqueiro.

Então o caboclo disse
Pode correr camarada,
Vamos ver quem tem mais fôrça
Se é meu patrão ou a fada
Eu não chego a meu patrão
Contando história furada.

Você bem vê o cavalo
Que eu venho montado nêle
E conhece meu patrão
Sabe que o cavalo é dêle
O boi aí se virou
E olhou bem para êle.

Ai desceu do outeiro
 Em desmarcada carreira
 Deixando por onde ia,
 Uma nuvem de poeira
 O curiboca gritou-lhe
 Não corra que é asneira.

Então seguiram no campo
 Onde tudo se avistava
 O cavalo do caboclo
 Fogo da venta deitava
 Dava sôpro na campina
 Que tudo ali se assombrava.

O coronel disse a todos
 Devemos seguir atrás
 Está decidido que ali
 Anda a mão do satanaz
 Convém agora é nos vermos
 Que resultado isso traz.

Bem no centro da campina
 Havia uma velha estrada
 Feita por gado dali
 Porém já estava apagada
 Depois com outra variada
 Faziam uma encruzilhada.

Iam o vaqueiro e o boi
 Pela dita cruz passar
 Ali enguiçou a cruz
 Eu tinha então que voltar
 Devido outros vaqueiros
 Não havia outro lugar.

Mas o boi chegando perto
 Não quis enguiçar a cruz
 Tudo desapareceu
 Ficou um foco de luz
 E depois dela saíram
 Uma águia e dois urubus.

Tudo ali observou
 O fato como se deu,
 Dizendo que a terra se abriu
 E o campo estremeceu
 Pela abertura da terra
 Viram quando o boi desceu.

Voltaram todos os homens
 O coronel constrangido
 O boi e o tal vaqueiro
 Terem desaparecido
 A terra abrir-se e fechar-se,
 Pôs tudo surpreendido.

Julgam que a águia era o boi
Que quando na terra entrou
Ali havia uma fada
Em uma águia o virou
O vaqueiro e o cavalo
Em dois corvos os transformou.

O coronel Sezinando
Ficou tão contrariado
Que vendeu tôdas as fazendas
E nunca mais criou gado
Houve vaqueiros daqueles
Que um mês ficou assombrado.
Lá inda hoje se vê
Em noites de trovoadas
A vaca misteriosa
Naquelas duas estradas
Duas mulheres chorando
Rangindo os dentes e falando
Onde as cenas foram dadas.



JÁ SAIU!

PIADAS de LOUCOS

O MEU PROBLEMA
É QUE MINHA MÃE
TOMAVA **PÍLULA**
ANTES D'EU
NASCER!

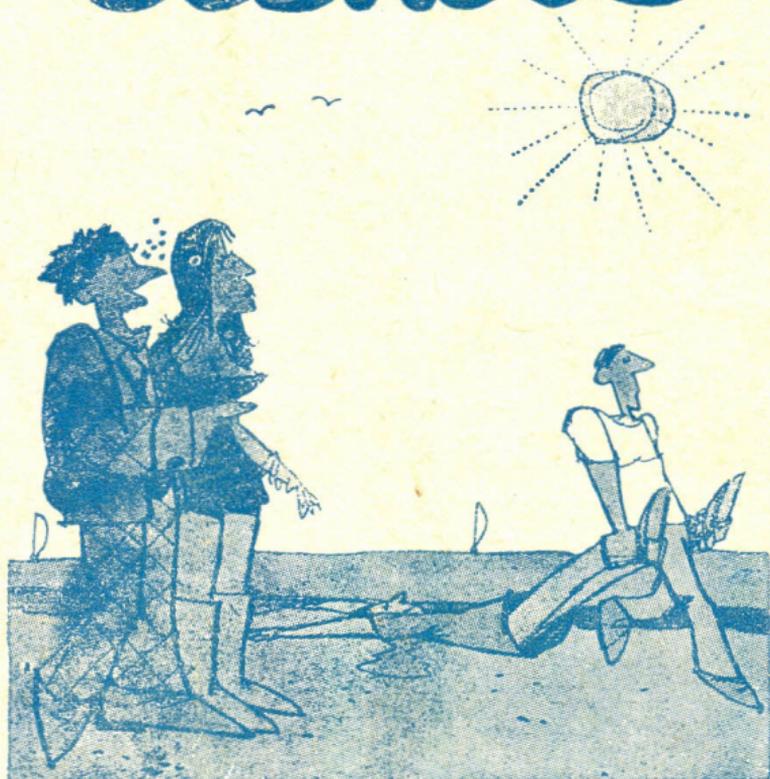


PODE LER SOSSEGADO, VOCÊ NÃO FICA
MAIS DO QUE É...

VENHA
Estação D. Pedro II
Loja n.º 4 - Guanabara

© TIRA-GÔSTO IDEAL

PIRDAS DE BEBADOS





BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).